

A oração litúrgica dos salmos como lugar da experiência com deus

*Gerson Bastos Filho*¹

Resumo: A liturgia como realidade teologal é um espaço em que a comunidade tem a oportunidade de se encontrar com o mistério de Jesus Cristo através das orações, cantos, gestos e sinais. Neste sentido, a oração litúrgica dos salmos que o povo de Deus é convocado a rezar diariamente, é lugar privilegiado de experiência com Deus, e merece ser aprofundada vendo a força que possui na vida da comunidade de fé. O objetivo desta pesquisa será o de perceber como a oração dos salmos, com seu caráter cotidiano, bíblico, litúrgico e eclesial é espaço de comunhão profunda com o Senhor, e merece uma atenção do ponto de vista da reflexão teológica-litúrgica e pastoral. A abordagem deste assunto será feita a partir de pesquisa bibliográfica, buscando explicitar a liturgia das horas como lugar em que se possa fazer a experiência do Mistério. Ao mesmo tempo, destacará os desafios pastorais para que esta experiência aconteça de forma plena, consciente e produza frutos na Igreja. O desfecho desta abordagem irá evidenciar a necessidade de recuperar o caráter comunitário da oração das horas, que de forma pedagógica e espiritual leva os batizados a experienciar a força da Páscoa de Jesus no hoje da história.

Palavras Chave: Experiência. Liturgia. Liturgia das Horas. Ofício Divino. Salmos

INTRODUÇÃO

Quando se fala em teologia, no imaginário de muitas pessoas pode surgir uma compreensão limitada de que se trata somente de conceitos à respeito de Deus, e estes como algo fechado. Neste sentido, o discurso teológico seria um conjunto de ideias fechadas e abstratas, esquecendo que o mesmo discurso ganha validade no confronto com a experiência humana. A experiência não seria só ponto de partida, mas também ponto de chegada da teologia, e esta não só alimenta, mas quer transformar a realidade dando sentido e horizonte à luz da fé.

A liturgia constitui-se como um local privilegiado de experiência autêntica, profunda e existencial com Deus. Neste enfoque, a oração do ofício divino, com seu caráter cotidiano, bíblico, litúrgico e eclesial é espaço de comunhão profunda com o Senhor, e merece uma atenção especial do ponto de vista da reflexão teológica-litúrgica e pastoral. Não se pode esquecer que, a própria liturgia com o seu caráter pedagógico é o primeiro espaço de educação na fé, e é cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. (SACROSANCTUM CONCILIO, 2002, p.14)

Na contemporaneidade fala-se em promover uma evangelização em que cada pessoa faça um encontro autêntico com a pessoa de Jesus Cristo. Encontro este que deve ser promovido através de uma experiência que converta totalmente o ser humano e faça com que o mesmo tenha em si os mesmos sentimentos e atitudes de Jesus de Nazaré. Neste sentido, a

¹ Pós Graduado em Liturgia pelo Instituto Superior de Filosofia e Teologia de Goiás-IFITEG, Aluno do Mestrado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. Email: gbastosfilho@gmail.com

abordagem aqui apresentada não se interessa em colocar parâmetros ou rubricas que sejam normativas para a oração do ofício divino; mas, interessa-se em mostrar como a oração litúrgica das horas é local em que deve o orante fazer uma experiência pessoal e comunitária com Deus.

1 DEFINIÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Diferentemente dos animais irracionais, o ser humano produz experiência, e esta é determinante para a compreensão de si mesmo e do mundo. A experiência humana é sempre uma forma do sujeito que a faz interpretar e olhar o todo, e por isso neste sentido ela não é absoluta, pois é sempre fruto de um olhar a partir de um lugar onde se pisa. Uma dimensão importante da mesma é que ela pode para o ser humano ser entendida como busca de sentido, e aí somente o transcendente pode dar sentido pleno ao coração.

A experiência, sobretudo quando entendida como busca de sentido, é caminho para a compreensão da condição humana, pois revela aquilo que o ser humano, até sem sabê-lo, está buscando. O que o ser humano na verdade deseja e procura é plenificar o coração. E somente o transcendente pode preenchê-lo, uma vez que o ser humano é um ser em contínua autotranscedência. Partilhando com os animais o ciclo vital e a morte, o ser humano não se rege por instintos como o animal. Como o animal, um dia morrerá. À diferença daquele, sabe que vai morrer. (BINGEMER, 2013, p.210)

Quando se fala em experiência não se pode esquecer que esta não é oposta ao conhecimento. Uma compreensão primeira que muitos possuem é que é algo subjetivo ou puramente emocional. Neste sentido, quando se fala de experiência não é possível ter discursos só na base das razões, e nem possível que fique só na base dos sentimentos. O fenômeno da experiência é algo complexo, não no aspecto de ser inacessível ou difícil, mas devido à abrangência de significados do termo, feito de elementos diferentes, ricos e contraditórios entre si, e que em síntese se constitui como a comunhão entre o sentido e a inteligência.

As origens etimológicas do termo experiência oferecem um bom caminho para se alcançar sua essência. Tanto o grego *empeiria*, quanto o latim *experientia*, ambos nos falam de tentar, comprovar, assegurar-se, o que significa percorrer o objeto em todos os sentidos (...). O que, portanto, caracteriza a experiência é a penetração do objeto, o que, de um lado, liberta o conhecimento do caráter precário ou confuso de simples sensação e, de outro, preenche o vazio das formas puramente lógicas. (BINGEMER, 2013, p.209)

Alargando ainda a noção de experiência, quando se fala que alguém é experiente, compreende-se que é não somente no sentido intelectual ou prático, mas alguém que fez uma

síntese da vida, e isso o torna sábio. Não é algo puramente quantitativo, mas qualitativamente aprendeu muito com o que viveu.

2 LITURGIA COMO PRIMEIRA ESCOLA DE EXPERIÊNCIA COM DEUS

A liturgia cristã é uma liturgia realizada em espírito e em verdade usando assim a expressão do evangelho de João². Não são mais os sacrifícios rituais ou um rito exterior e formal que determinam a força do culto, mas o sacrifício existencial, a oferta de si mesmo, a vida inteira do ser humano.

Toda celebração litúrgica deve partir deste princípio do culto existencial, e neste sentido, a mesma é local em que o cristão é educado e faz assim a experiência de comunhão profunda com Deus que em seu Filho Jesus, na força do Espírito Santo se comunica ao ser humano através da sua Palavra, dos gestos, dos sinais, dos ritos.

A oração se torna sacrifício, quando as palavras de louvor, de ação de graças, de bênção exprimem e contém, realmente, toda a vida do homem oferecida a Deus. Por isso, quando os cristãos, na liturgia, expressam a verdade de seu culto existencial, eles não oferecem outro sacrifício a Deus senão o sacrifício de oração, o sacrifício de louvor. Em outras palavras, a oração em ação de graças deve ser o sacrifício oferecido a Deus, sobretudo na Eucaristia, mas não só nela.

O conceito paulino de *loghikélatreía* revela, portanto, a verdade do culto cristão, um culto existencial que, quando se exprime em sua forma ritual, é culto de palavra, a ponto de que, se a liturgia não fosse *loghikélatreía*, não seria oração, não seria mais autêntica liturgia cristã.

A expressão paulina *loghikélatreía*, se traduzida em sentido literal, revela pluralidade de significados profundamente coerentes e complementares entre eles. Se, de fato, a Bíblia da Conferência Episcopal Italiana opta por traduzi-la como “culto espiritual”, a expressão *loghikélatreía*, em seu sentido literal, pode ser compreendida, em primeiro lugar como “culto segundo o logos”, o Logos encarnado que é Jesus Cristo, dando assim uma conotação fortemente cristológica à expressão. Contudo, *loghikélatreía* pode ser também compreendido como “culto segundo a razão”, “culto racional”, ou simplesmente “culto lógico”. (BOSELLI, 2014, p.142)

Por isso, refletir sobre a liturgia como escola de oração não é algo opcional, mas essencial. Isto leva a afirmar que “a liturgia é o lugar decisivo, se não exclusivo, no qual o cristão é educado à oração”. (BOSELLI, 2014, p.143)

2 João 4,23

Algo fundamental que não pode passar despercebido na experiência da liturgia como escola de oração, é que o primeiro a agir na ação litúrgica é o próprio Deus. Deus conduz o seu povo para a escuta da sua Palavra e para celebrar a sua presença na vida deste mesmo povo. Por isso, quando o povo se reúne para celebrar, ali não está uma simples categoria sociológica agrupada. É sim, uma assembleia no mais amplo significado da palavra, povo convocado pelo Deus Trindade, que age por meio de todos e em todos. Desta maneira, a experiência feita é uma experiência de aliança onde o Senhor fala por meio de sua Palavra e o povo responde com orações e com a sua própria vida, testemunhando desta forma a força do encontro com o seu Deus. Aqui está a ligação profunda entre a experiência da liturgia com a vida, da fé com o compromisso, da celebração com o testemunho evangélico no meio do mundo.

(...) Em toda a trajetória do povo de Deus da antiga Aliança, a mística ou espiritualidade está sempre ligada com as assembleias solenes ou cotidianas, que o povo faz, atendendo à convocação de seu Deus para o encontro com Ele, ouvir sua Palavra e colocá-la em prática, comprometer-se com seu projeto. O povo chora suas dores, implora ajuda, festeja as vitórias, pede perdão, celebra a aliança e sai fortalecido na fé no Deus Libertador. (SECRETARIADO NACIONAL DAS CEBS, 2014, p.104-105)

Desta forma, falar da liturgia como escola de experiência com Deus é fazer a experiência de deixar-se guiar pelo Espírito Santo através dos gestos, ritos, símbolos, sinais, pois são canais de comunicação do divino com a assembleia que celebra. Neste enfoque, faz-se preciso uma educação ritual da parte de todo o povo de Deus, sabendo que a experiência feita em toda celebração litúrgica é teologal e espiritual, duas dimensões que não se separam e que estão ancoradas em Deus que é a fonte e a origem de tudo. Sendo assim, usando o princípio do Papa Bento XVI de que ‘ a melhor catequese é uma liturgia bem celebrada’, pode-se dizer que esta é lugar privilegiado de experiência com o Senhor e com os irmãos e irmãs.

3 A ORAÇÃO LITÚRGICA DO OFÍCIO DIVINO COMO LOCAL DE ENCONTRO EXPERIENCIAL COM DEUS

Obedecendo ao preceito do apóstolo Paulo: “Orai sem cessar”³, a Igreja costuma dedicar certas horas do dia para o louvor, para a súplica e para a ação de graças à Deus. Este costume ao longo do tempo passou a ser chamado de ofício divino, pois ao mesmo tempo em que é uma atividade litúrgica eclesial em que o povo de Deus se coloca diante do seu Senhor, é também divino, pois é sempre Deus quem toma a iniciativa de reunir o seu povo para o perene louvor.

Esta experiência de oração incessante e cotidiana da Igreja se espelha na oração do próprio Jesus, que como nos relata os evangelhos, estava sempre em profunda comunhão com o Pai, e dedicava horas de seu dia para o cultivo desta intimidade. Os Atos dos Apóstolos

3 1 Tessalonicenses 5,17

atestam que após a Ressurreição do Senhor, os primeiros cristãos eram assíduos à oração⁴. Essas orações, celebradas em comum eram momentos privilegiados da igreja nascente estar em comunhão ente si e com o Ressuscitado. Imbuída pelo exemplo de Jesus, o orante por excelência, a comunidade primitiva se entregava à oração.

Até o fim da vida, já próximo da Paixão na última ceia, em agonia e na cruz, o divino Mestre nos ensina que a oração foi sempre a alma de seu ministério messiânico e do termo pascal de sua vida. Ele de fato, “nos dias de sua vida terrestre, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que era capaz de salvá-lo da morte. Foi atendido por causa de sua entrega a Deus” (Hb 5,7). Com sua oblação perfeita no altar da cruz, “levou à perfeição definitiva os que ele santifica” (Hb 10,14). Finalmente, ressuscitado dentre os mortos, vive e ora constantemente por nós. (ALDAZABAL, 2010, p.31)

Acentua-se deste modo a índole comunitária da oração. É sempre a Igreja, comunidade dos discípulos- missionários de Jesus que reza e faz a experiência de comunhão profunda com o seu Senhor. Aqui se pode falar de uma realidade experiencial de forma eclesial, pois mesmo que alguém reze a oração dos salmos sozinho, é sempre em comunhão com toda a Igreja que reza. Pois, “mesmo a oração no quarto, a portas fechadas, sempre necessária e recomendável, os membros da Igreja a fazem por Cristo no Espírito Santo”. (ALDAZABAL, 2010, p.35)

Mas, poderia aqui se perguntar: na era da informação que está ao alcance de qualquer pessoa a um clique, no tempo em que se fala no fim das identidades religiosas herdadas⁵, de que forma o homem e a mulher cristãos podem haurir da oração do ofício divino um alimento sólido que ajude a viver uma experiência de comunhão com Deus? A oração cristã, e nela a oração do ofício divino, precisa deixar de ser um mero compromisso formal e que não ressoa de maneira profunda na vida do orante como momento de encontro com o divino, e deverá passar a ser uma experiência de diálogo profundo entre o ser humano e Deus, na dinâmica profunda entre os parceiros da aliança, gerando uma forma autêntica de celebrar o mistério cristão.

Nos últimos anos, como uma imperiosa exigência de resposta ao questionamento imposto pela oração, partindo das reflexões teológicas e das novas e diversificadas iniciativas, criou-se um grande movimento em prol do encontro do homem com Deus. Não saberia dizer se esse movimento propiciou e, sobretudo, acolheu, total ou parcialmente, o encontro de Deus com o homem. Porque não podemos esquecer que na Liturgia das Horas se estabelece uma espécie de correspondência ou diálogo entre Deus e os homens, onde Deus fala ao seu povo e este responde a Deus com o canto e a oração. (PAREDES, 1991, p.06)

4 Atos dos Apóstolos 2, 42

5 Sobre este tema, Danièle Hervieu-Léger, na obra “O peregrino e o convertido”, no Brasil publicada pela Editora Vozes, aborda a temática da caracterização da experiência religiosa na contemporaneidade.

Para ser experiência de aliança, a oração deve ser inserir na dinâmica do Kairós de Deus, deixando de lado todo o ativismo, racionalismo ou muitas vezes a monotonia do cotidiano que não permite que o momento orante seja de fato autêntico, e mais do que transmitir ideias, seja local de unir fé e vida, experiência subjetiva com dimensão comunitária da vida cristã, cultivando desta maneira a força transformadora de Deus que continuar a passar em nossa história na passagem de condições menos dignas para tudo o que fortalece e promove a vida.

Não se pode esquecer que o livro do saltério na bíblia foi sendo construído a partir das experiências que o povo ia fazendo; e na sua história de lutas e dores, alegrias e esperanças, fracassos e vitórias, este mesmo povo ia reconhecendo a presença de Deus e este reconhecimento se transformava em oração de louvor, súplica, adoração, ação de graças... “Os salmos nasceram da vida, e é nas experiências concretas da vida de cada dia que encontramos a chave principal para abrir a porta que nos permite entrar no mundo dos Salmos.” (MESTERS, 2016, p.05)

CONCLUSÃO

Por meio da Palavra, dos sinais; da participação ativa, consciente, plena e frutuosa dos fiéis, do ano litúrgico, do canto, a liturgia mostra todo o seu poder pedagógico espiritual de fazer crescer a vida cristã e de celebrar a força do Mistério Pascal na vida da humanidade. Neste sentido, o concílio denomina a liturgia como “a fonte primeira e indispensável do espírito cristão.” (SACROSANCTUM CONCILIO, 2002, p.17)

Compreender a liturgia como local de experiência com Deus supera a ideia de que a mesma é especulação teológica, mas a insere como elemento de vitalidade na existência cristã e local onde a igreja orante, em seu aspecto comunitário, se encontra com o seu Senhor. Aqui está uma consistente fundamentação para a visão da oração do ofício divino como local cotidiano de comunhão com Deus e com os irmãos e irmãs, se opondo assim a prática mecânica ou até mesmo burocrática da celebração da liturgia das horas.

Desta forma, alguns desafios pastorais surgem incentivando a reflexão e amadurecimento de maneiras novas, para que se acolha a oração litúrgica dos salmos como caminho pedagógico espiritual. O primeiro desafio é a cerca da própria compreensão de liturgia, que muitos reduzem a uma pura cerimônia ou a um espaço de muita verbalização. Esta compreensão não ajuda a fazer de toda a celebração um local de se efetivar através dos ritos, símbolos, gestos e sinais uma verdadeira experiência de Deus.

Um desafio que sucede a este primeiro está na formação inicial dos ministros ordenados, que nem sempre são educados para tomar o Ofício Divino como lugar mistagógico, que no cotidiano vai conduzindo a fazer uma verdadeira experiência espiritual. Aqui, há de se superar uma iniciação puramente técnica/rubricista sem a forte dose de espiritualidade, que faz o orante mergulhar na mística dos salmos através daquilo que se está rezando. O concílio fala que esta iniciação visa introduzir o candidato ao presbiterado “na compreensão dos ritos

sagrados e deles participando plenamente, de sorte a estarem imbuídos do espírito da sagrada liturgia (...) de maneira que a vida nos seminários e casas religiosas esteja profundamente marcada pelo espírito da liturgia”. (SACROSANCTUM CONCILIO, 2002, p.19)

Segue na esteira dos desafios, uma necessidade de colocar nas mãos do povo o ofício divino, pois este é oração de toda a igreja, e não somente dos clérigos ou daqueles que professam os conselhos evangélicos. Este caminho de iniciação do povo na oração dos salmos, no Brasil vem sendo feito através do Ofício Divino das Comunidades, que é uma tradução popular da liturgia das horas, e que com os mesmos elementos, privilegiando a oração da manhã e da tarde, unindo também aspectos da piedade popular, tem ajudado a muitos leigos e leigos a terem um ritmo diário de oração e a crescerem na vivência experiencial da liturgia como fonte primeira de espiritualidade.

Por fim, como uma boa opção pastoral, nos tempos fortes do ano litúrgico (advento/natal, quaresma/páscoa) como também nas vigílias dos domingos, festas e solenidades, o ofício divino constitui uma fonte preciosa de celebração e de educação ritual para que as comunidades, e neste tempo de pandemia, as famílias, mergulhem na força do mistério celebrado. Recuperar este caráter comunitário e oficial da oração das horas ajuda a de forma pedagógica e espiritual levar a todos os batizados a experienciar a força da Páscoa de Jesus no hoje da nossa história.

REFERENCIAS

ALDAZÁBAL, José. *Introdução geral sobre a Liturgia das Horas/ comentário de J. Aldazabal*. São Paulo: Paulinas, 2010.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014. p.143

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIO. *Concílio Ecumênico Vaticano II*. 5ª edição. São Paulo: Paulinas, 2002.

MESTERS, Carlos. *Rezar os salmos hoje: a lei orante do povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2016.

PAREDES, José C. R. García e APARICIO, Angel. *Os salmos: oração da comunidade. Para celebração da Liturgia das Horas*. São Paulo: Edições Ave Maria, 1991.

Secretariado Nacional do 11º Intereclesial das CEBs. *CEBs: Espiritualidade Libertadora- Seguir Jesus no compromisso com os excluídos*. Belo Horizonte: O Lutador, 2014. P.104-105.